SUBSÍDIOS PARA UMA ANTROPONÍMIA CEARENSE

(Séculos XVII, XVIII e XIX)

FLORIVAL SERAINE

Nos primeiros séculos da Colonização os nomes de batismo, no Ceará, são os usuais em Portugal, não só porque referentes aos lusos que aportaram ao nosso país, como também — no caso de serem aplicados a mamelucos, cafusos, mulatos e aos próprios indígenas trazidos ao seio da civilização — por motivo de procederem da escolha feita pelos catequistas ou elementos colonizadores mais pròximamente ligados àqueles produtos étnicos do Novo-Mundo.

Antes do mais, cabe, porém, mencionar os nomes de alguns indígenas que primitivamente habitavam na região, e dos quais nos dão conta antigos documentos, vindos das primeiras fases da história cearense. (1)

O conteúdo semântico de tais nomes próprios não é geralmente dos mais "expressivos" ante a nossa concepção das coisas e da vida e o nosso sentido estético. Vocábulos de singular e estranha apresentação podem ser apontados na onomástica oborígine, a saber: Jeropariaçu (diabo grande), Mandioca puba (mandioca fermentada ou azêda), Irapuan (mel redondo), Ubaúna (canoa preta), além de outros como Jacaúna, Caraguatin, Guaratingira, Cangatan, Mandiaré, Tatuguaçu.

A história cearense registra ainda, entre outros, os nomes dos aborígines Lagartixa Espalmada, Cobra Azul e Algodão, os quais entraram em contacto com os primeiros colonizadores da região.

---

(1) V. **Guilherme Studart** (Barão de Studart) — "Documentos para a História do Brasil, e especialmente a do Ceará" — I vol. (1608-1625) — Fortaleza, 1904 — II vol. — Fort. — 1909, III vol. — Fortaleza, 1910.

FALECIMENTO DO COMANDANTE SUPERIOR, CORONEL FRANCISCO XAVIER DE SOUSA

Cópia do original do óbito supra: "Aos dezenove (19) dias do mês de julho de mil oitocentos e quarenta e sete (1847) faleceu da vida presente o Comandante Superior Francisco Xavier de Sousa, branco, casado com D. Maria Xavier de Sousa, idade cinquenta anos e foi sepultado nesta Matriz aos vinte dias do mesmo mês de grades acima encomendado solenemente pelo Reverendo Vigário José Maria Freire de Brito, e, para constar mandei fazer assento em que assinei (34)."

NOTA: o vigário não assinou.

OS FURTADO LEITE DE COITÉ (Mauriti)

Já em 1776, no sítio Coité (atual município de Mauriti), o tenente-coronel Luiz Furtado Leite e Almeida, português ilhéu, tronco neste Cariri da ilustre e tradicional família Furtado Leite. Era de sua propriedade o mesmo sítio. Casou-se uma só vez. Foi sua espôsa D. Beatriz de Sousa da Silveira, baiana de S. Antônio de Pambu, irmã, de pai e mãe, de Joana Fagundes da Silveira, espôsa do citado sargento-mor Manuel da Cruz Neves, filhas, ambas, dos citados Manuel de Barroso e Sousa e Joana Fagundes da Silveira (35).

Os descendentes da aludida Beatriz são colaterais do Magnífico Reitor ANTÔNIO MARTINS FILHO, como é evidente.

Crato, 1959

---

34) Liv. cit., fls. 273.

35) Liv. de reg. de Cas., fls. 1 e 14, paróquia de Missão Velha, 1765-70. Liv. de reg. de Batismo, fls. 32 e 129, paróquia de Cabrobó, Pernambuco, 1764-69 — As demais fontes são as seguintes registradas neste trabalho, a propósito dos irmãos Antônio, Marcelino, Eufrásia e Isabel da Cruz Neves.

Batizados pelos jesuítas, recebiam os silvícolas — consoante já indicamos — os prenomes ordinàriamente usados pelos portuguêses: João, José, Pedro, Antônio, etc., aos quais eram aditados, em geral, os respectivos nomes indígenas. São referidos pelos nossos historiógrafos nomes com a seguinte apresentação: Francisco Aragiba (principal dos índios do Ceará); João Amanaí (capitão-mor dos índios da aldeia de Porangaba); Jorge Tagaigbuna; Gaspar e Antônio Paraupaba; Pedro Poti; Antônio Caraibpocu, etc. Os Camarões traziam prenomes portuguêses.

Da mulher, entre outros, recolhemos o nome de Francisca Cunhanhu, filha de um cacique, de quem informa o barão de Studart ser descendente do lado paterno Raimundo Torcápio Ferreira, ancestre de pessoas da sociedade cearense, em nossos dias.

Pronuncia-se a respeito o historiador Tristão de Alencar Araripe: "Os indígenas nas aldeias cearenses mostraram em princípio repugnância pelo uso dos nomes de batismo; recebendo-os na sagrada pia, nem por isso os aceitavam no trato comum. Ao nome cristão, que o padre lhe impunha com a água da redenção, preferiam o nome gentílico dos seus usos. Assim, embora tivessem ao assento batismal os nomes do calendário romano, como José, João ou Francisco, êles falavam-se com os nomes de Boipuru, Ibiára, Cirioba, Andaguaçu, Patiúba, Iguaraíba e outros semelhantes da sua linguagem nativa!" (2)

Aparecem também nos documentos históricos alguns nomes próprios de indígenas, em geral notabilizados por seus feitos e auxílios à colonização, com prenome e sobrenome portuguêses. Citamos os seguintes: Baltazar e José de Vasconcelos, Felipe de Sousa (os dois últimos agraciados com o título de Dom), Matias Monteiro, André Francisco, Domingos Dias, Francisco de Sousa, José de Amorim — um dos escolhidos para primeiro juiz ordinário da vila de Crato em 1.764 ou 1.765, Matias Tavares, Álvaro Costa, José Paiva e outros, que ainda são mencionados nas primeiras décadas do século XVIII.

Quanto aos nomes de batismo ou prenomes portuguêses, são, pelo comum, do português tradicional, sem a variedade que iremos depois apreciar, cabendo aqui apontada a observação do filólogo Leite de Vasconcelos — "de todos os povos que habitaram o solo português, ou o pisaram como conquistadores, sempre ficaram alguns vestígios na antroponímia". (3)

Organizamos a lista a seguir, constituída de prenomes extraídos

---

(2) **Tristão de Alencar Araripe** — "História da Província do Ceará" — Recife, 1367 — pág. 77.

(3) **J. Leite de Vasconcelos** — "Antroponimia Portuguêsa" — Imprensa Nacional — Lisboa, 1920 — págs. 565-566.

de documentos referentes às últimas décadas do século XVII, ao século XVIII e às primeiras décadas do século XIX. (4)

Prenomes masculinos (pela ordem alfabética): Adriano, Afonso, Agostinho (também Augustinho), Alexandre, Álvaro, Amador, Amaro, Ambrósio, Anastácio, André, Anrique ou Enrique, Antônio, Ascenso, Asnão, Aurélio, Baltazar, Barnabé, Bartolomeu, Basílio, Belchior, Bento, Bernardo, Bonifácio, Braz, Bruno, Clemente, Cosme, Cristóvam, Crispim, Custódio, Dâmaso ou Damásio, Damião, David, Diogo, Dionísio, Domingos, Duarte, Estanislau, Estêvão, Ezequiel, Feliciano, Felício, Felipe, Félix, Fernando, Fernão, Florêncio, Francisco, Franco, Gabriel, Gaspar, Geraldo, Gervásio, Gil, Gonçalo, Gregório, Gricenino, Hierônimo (o mesmo que Jerônimo, grafia mais moderna, que também aparece), Honorino, Inácio, Inocêncio, Isidório, Isidoro, Isídrio, Jacinto, Jacob, João, Joaquim, Jorge (com a variante George), José (também sob a forma Joseph, usada raramente, mais como prenome de religioso), Lázaro, Leandro, Leão, Leonardo, Leonel, Lino, Lourenço, Lucas, Luiz, Manoel, Marcelino, Marcos, Martim, Martinho, Mateus, Matias, Miguel, Nicácio, Nicolau, Pantaleão, Pascal, Patrício, Paulo, Pedro, Reinaldo, Rodrigo (encontramos também a forma Rodrigues, usada hoje ùnicamente como sobrenome; não sabemos se um êrro de cópia), (5) Romualdo, Roque, Salvador, Sebastião, Silvestre, Simão (registramos também Simões, quiçá um equívoco ortográfico),

---

(4) **Eusébio de Souza** — "Índice Geral Alfabético e Remissivo das Datas de Sesmarias do Estado do Ceará" — Fortaleza, 1933 — **Guilherme Studart** — "Dicionário Biobibliográfico Cearense" — III vols., respectivamente, em 1910, 1913 e 1915 (Fortaleza). — **João Brígido** — "Ceará — Homens e Factos" — Rio, 1919. — **Guilherme Studart** — "Geografia do Ceará" — Fortaleza, 1923-1924 — Cap. "Figuras do Ceará-colonial". — **Monsenhor Vicente Martins** — "Diocese de Sobral" — Fortaleza, 1944 e "Homens e Vultos de Sobral" — Ceará, 1941. — **Francisco José Ramos Ferreira Gomes** — "Árvore Genealógica dos meus Avós" — Fortaleza, 1958 — **Abelardo Costa Lima** — "Terra Aracatiense" — Ceará, 1941. Além dessas obras foram consultadas revistas, como a do "Instituto do Ceará", desde o seu 1º número, havendo-se encontrado elementos de interêsse, como no Tomo XXXIII, de 1919, que apresenta em um artigo intitulado "Presidentes do Ceará" (págs. 166-172) uma lista dos jurados pela qualificação em 1849, e da pág. 148 à 151, uma relação de nomes de pessoas presentes a um baile, durante o govêrno de Fausto de Aguiar, em 27 de agôsto de 1848.

(5) V. sôbre o uso de nomes que "eram sob a mesma forma próprios e patronímicos", no espanhol, **Andrés Bello e Rufino J. Cuervo** — "Gramática de la Lengua Castellana — Editorial Glem — Buenos Aires, 1943, pág. 40 — nota ao pé da página.

Simplício, Teodoro, Timóteo, Tomaz, Tomé, Torquato, Tristão, Valentim, Venceslau, Ventura, Veríssimo, Vicente, Virgílio, Vitorino, Zacarias.

Prenomes femininos usados na época colonial: Ana, Anacleta, Brites, Catarina, Clara, Cosma, Custódia, Damásia, Engrácia, Eufrásia, Felipa, Florência, Floriana, Florinda, Francisca, Inácia, Inês, Inocência, Izabel, Joana, Joaquina, Laura, Leonila, Lucinda, Margarida, Maria, Mariana, Rita, Rosa, Sebastiana, Simoa, Susana, Teodora, Tereza, Úrsula, Valéria, Violante, Vitória.

Nomes duplos, combinações de prenomes, são freqüentes para os dois sexos, como ainda hoje se verifica. Destacamos os seguintes — de homens; Antônio Afonso, Antônio José, Antônio Manoel, Antônio Maximiano, Bento Luiz, Dionísio Francisco, Estêvão José, Francisco Alberto, Francisco Gil, Gabriel Cristóvão, João Amaro, João Bernardo, João Caetano, João Luiz, João Salvador, Joaquim José, José Antônio, José Benedito, José Carlos, José Dario, José Francisco, José Honório, José Luiz, José Raimundo, Joaquim Vitoriano, Manoel Inácio, Manoel Jorge, Pedro Antônio, Pedro Luiz, Venceslau Augusto, Veríssimo Tomaz, Zacarias Cosme.

De mulheres (alguns são combinações devotas): Ana Maria, Benta Maria, Caetana Maria, Inácia Francisca, Maria Joana, Maria José, Rita Francisca, Rosa Maria, etc.

Nomes de fatos e lugares milagrosos ou sagrados aparecem também nessas combinações: Antônio da Apresentação, Antônio da Conceição, Manoel da Assunção, Maria da Assunção, Maria do Carmo, etc. São ainda combinações inspiradas em sentimento religioso: José Antônio do Espírito Santo, Manoel do Espírito Santo da Paz, José de Jesus, Tereza de Jesus, Tereza de Jesus Maria. Nomes de santos venerados pela igreja católica: Francisco Xavier, Francisco de Loiola, João Batista, Luiz Gonzaga, Antônio de Pádua, Francisco de Assis, Francisco de Sales, Gerardo Magela, José de Arimatéia, José de Ribamar, Luiz de França, João Clímaco, Vicente de Paula, João Nepomuceno, Francisco das Chagas, Rita de Cássia, Rosa de Lima.

Como bem acentua Pedro Henriquez Urena, "o século XVIII traz variedade na onomástica em tôda a América. É quando se começa a usar o almanaque para pôr o nome do Santo do dia e se multiplicam os nomes raros: por exemplo, os de origem grega, que não haviam gozado de popularidade". (6)

A maioria dos prenomes acima citados, dos quais grande parte de lusitanos, é de origem grega ou latina; certos são considerados de procedência germânica; alguns da hebraica ou aramaica, como Pedro, etc.

(6) **Pedro Henriquez Ureña** — "El español en Santo Domingo" — Biblioteca de Dialectologia Hispano-Americana — Buenos Aires, 1934 — pág. 203.

Em menor proporção há outros, a que se atribuem: proveniência caldaica, como Baltazar; persa, como Roque e Dario; anglo-saxã, como Brígida, Artur; eslava, como Estanislau, Venceslau; italiana, como Rita (abreviamento de *Margherita*, Margarida), ou Leonel (de *Lionello*, dim. de Leão). (7)

Relativamente aos escravos africanos que entre nós viveram no período colonial, verifica-se que era costume serem conhecidos por um prenome vulgar, dentre os acima enumerados, ao qual, não raro, se seguia o nome de sua procedência ou região de origem. Assim, encontramos nas páginas da história cearense, através de J. Brígido e outros, os nomes de Antônio Cabo-Verde, João Mina, José Mina, Antônio Angola, Bento Angola, etc. Às vêzes o sobrenome indicava uma referência ao tipo étnico: Luiz Crioulo, ou era nome da região cearense: Luiz Aracati. Registramos ainda os prenomes masculinos de negros: Benedito, Constantino, Elias, Felipe; a combinação Manoel Jovito, que nos parece pouco comum entre os brancos; os prenomes femininos: Androsa, Bonifácia e outros.

No século XIX surgem prenomes que não circulam ou eram pouco usados anteriormente, a exemplo de: Abel, Adolfo, Alarico, Alberto, Alfredo, Américo, Ananias, Aníbal, Antero, Arcádio, Arcelino, Artur, Augusto, Belisário, Benjamim, Benvindo, Boanerges, Cândido, Canuto, Carlos, Carloto, Cícero, Cirilo, Climério, Clóvis, Constantino, Cordolino, Coriolano, Cornélio, Crisólito, Daniel, Elesbão, Eliézer, Elisiário, Emiliano, Epifânio, Espiridião, Euclides, Engênio, Eurico, Fausto, Felinto, Filomeno, Filoxenes, Fortunato, Frederico, Frutuoso, Geminiano, Gentil, Geógrafo, Gilberto, Godofredo, Guilherme, Henrique, Heráclito, Herculano, Hermelino, Hermínio, Hermógenes, Hildebrando, Hipólito, Iclérico, Ildefonso, Irineu, Ismael, Ivo, Jaime, Jovelino, Jovino, Justiniano, Justino, Juvenal, Ladislau, Laurindo, Leôncio, Leopoldo, Leorne, Liberato, Licínio, Lino, Lívio, Lucas, Mamede, Mário, Maximiniano, Maceno, Mendo, Meton, Nicodemos, Odilon, Oscar, Osvaldo, Otávio, Otto, Paulino, Pelúsio, Pergentino, Pio, Plácido, Pompílio, Porfírio, Praxedes, Primitivo, Rafael, Raul, Reginaldo, Rodolfo, Rubens, Rufino, Sabino, Salustiano, Salviano, Samuel, Serafim, Sérgio, Severino, Sezinando, Silvério, Silvino, Sinfrônio, Sotero, Temístocles, Teodomiro, Teodulfo, Teodureto, Teófilo, Teotônio, Tertuliano, Tiago, Tibúrcio, Timóteo, Tito, Tobias, Trajano, Ulisses, Umbelino, Valdemiro, Venâncio, Virgílio, Vulpiano, Xilderico, Zacarias, Zeferino, Zózimo.

Entre os femininos: Adelaide, Adelina, Alba, Alexandrina, Alfa,

(7) V., para só citar autores brasileiros, **Henrique Fontes** — "Digressões Antroponímicas" — Florianópolis, 1950 — **Rosário Farani Mansur Guérios** — "Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes" — Curitiba, 1949 — **Antenor Nascentes** — "Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa" — Rio, 1932.

Amália, Ângela, Argemira, Augusta, Brasília, Brasilina, Carmelina, Carmem, Carminda, Celina, Clotilde, Dália, Dionísia, Diva, Dolores, Dulcinéa, Edeltrudes, Eleonora, Elisa, Elvira, Emília, Eponina, Ermelinda, Ernestina, Eulália, Felícia, Felismina, Filadélfia, Filomena, Firmina, Guiomar, Henriqueta, Iolanda, Irene, Lastênia, Leocádia, Leonísia, Lúcia, Luzia, Margarida, Matilde, Pergentina, Pulquéria, Raquel, Rosalina, Rufina, Senhorinha, Tarcília, Ursulina, Virgínia e outros.

Proliferam as Marias: da Penha, de Lourdes, do Carmo; as combinações devotas: Isabel Maria da Ressurreição, Josefa Maria da Purificação, Rosa do Sacramento, Tereza Raimunda de Jesus. Surgem verdadeiras curiosidades onomásticas, como êste: Ana da Invenção da Santa Cruz. (8)

Os nomes Antônia, Joana, Joaquina, Josefa, Luíza, Paula, Raimunda e outros, que já eram usados, tornam-se agora populares, divulgando-se sensìvelmente entre as populações cearenses. Há um maior e mais variado aproveitamento dos nomes duplos, não só para homens, como para mulheres. Surgem combinações ainda não imaginadas anteriormente. Curiosas e, às vêzes, até esquisitas associações de prenomes, entre os quais alguns nomes de celebridades gregas ou romanas, antes não aplicadas. Citamos alguns exemplos de prenomes duplos: Antônio Filadelfo, Antônio Remígio, Antônio Ricarte, Antônio Quintiliano, Antônio Sabino, Antônio Teodorico, Antônio Tibúrcio, Antônio Urbano, Antônio Xisto, Augusto Carlos, Augusto César, Canuto Severino, Carlos Augusto, Carlos Manoel, Carlos Severo, Cícero Romão, Domingos Sérgio, Felinto Alcino, Francisco Cícero, Francisco Peregrino, Frederico Augusto, Gustavo Augusto, Henrique Cesídio, Hipólito Cassiano, Ildefonso Augusto, Inácio Brígido, Ivo Francisco, Jerônimo Macário, João Gualberto, Joaquim Antônio, Joaquim Olímpio, José Alcebíades, José Alfeu, José Amintas, José Eduardo, José Gunesindo, José Lourenço, José Martiniano, José Romão, Júlio César, Juvenal Galeno, Ladislau Acrísio, Lino Adeodato, Manoel Bias, Otávio Augusto, Pedro Crisol, Praxedes Teódulo, Raimundo Justiniano e muitos outros.

Às vêzes são três prenomes associados que surgem: Eduardo Guilherme Osvaldo, êsse curioso e retumbante Austricliano Dioscorides Damon (Padilha), e mais alguns.

Nomes de vultos célebres da história moderna são aproveitados nessas combinações: Fernando Napoleão, João Franklin, José Wellington, etc.

Novos nomes saídos do calendário cristão: Camilo Lélis, Felipe

8) V. sôbre a locução que se segue ao prenome Ana — **Dr. Castro Lopes** — "Origens de Anexins, Prolóquios, etc. — 2ª ed., Rio, 1909 — págs. 281-282.

Néri, João Câncio, João Capistrano, João Damasceno, João de Deus, João Evangelista, Maria Madalena, Miguel Arcanjo, Vicente Férrer, e combinações devotas ou de fundo religioso: Cândido Taumaturgo, Francisco Peregrino, José Maria, José de Maria, etc.

Nomes, entre os quais alguns de origem gótica, verificados nos primeiros tempos da Colonização, desapareceram ou são apenas usados esporàdicamente. Escasseiam os Nuno, Rodrigo, Gonçalo, Martim, Fernão — masculinos; Brites, Cosma, Felipa, Simoa, Violante — femininos.

Prenomes como Barnabé, Belchior, Amador, Pantaleão cada vez mais perdem no aprêço coletivo, em particular no das pessoas socialmente elevadas.

Como já observou Urena, no tocante a São Domingos, é pelos meados do século XIX que começam a aparecer os nomes de fantasia que não provêm do santoral. Talvez mesmo, entre nós, um pouco antes. "A fantasia — escreve o citado lingüista — como em tôda a América, chegou a excessos. É significativo o paralelismo: a América espanhola gosta dos nomes de fantasia, como os Estados Unidos; Espanha é conservadora como Inglaterra". (9)

Entre o Brasil e Portugal o confronto resulta mais ou menos idêntico. E parece-nos até que aos portuguêses, não vai sem alguma dose de ridículo ou, quando nada, revela certo pitoresco depreciativo, essa exagerada tendência nossa para a fantasia onomástica.

Citamos êsse trecho de escritor português, que é denunciativo: "Êstes cariocas são extraordinários: Chamam-se Epaminondas da Silva e Pythagoras de Aguiar e, apesar disso, a abarrotarem de talento". (10)

Pela relação dos prenomes usados no decorrer do século XIX, conclui-se que houve época em que são procurados repetidamente os nomes da antiguidade clássica, grega ou latina, e também que, examinando a etimologia daqueles prenomes, além dos raros nomes persas, etruscos ou sabinos, aparecem muitos nomes germânicos distintos dos góticos antigos, alguns celtas ou eslavos, escandinavos e anglo-saxões, sendo de registrar que em tôda a onomástica do período colonial, e posteriormente, sejam excepcionais os nomes de origem árabe. Podemos indicar apenas: Adail, prenome masculino; Zulmira e Eleonora, com a variante Leonor, prenomes femininos; Alcântara e Alcanfor, sobrenomes. Leite de Vasconcelos refere ainda Cid, "senhor", que surge entre nós. (11)

Os nomes gregos e hebraicos, da hagiografia católica — segundo

---

(9) **Ureña** — Op. cit. — págs. 204 a 206

(10) **Carlos Pereira** — "Aspectos da Literatura Brasileira" — In "Boletim de Ariel" — Ano VII — nº 4.

(11) **Leite de Vasconcelos** — Op. cit., — pág. 36.

deduzimos — continuam em alta proporção; os Josés, os Joãos e as Marias constituem o grosso das camadas populares, cabendo acentuar aqui que o padroeiro da Capital do Estado é São José. Observamos que alguns dos prenomes citados correspondem a substantivos comuns ou adjetivos qualificativos, usuais em nosso idioma, a saber: Cândido, Frutuoso, Gentil, Plácido, Geógrafo, Crisol, Primitivo. Posteriormente assinalamos: Altiva, Altivo, Áurea, Áureo, Celeste, Duquesa, Distinto, Excelsa, Generosa, Graciosa, Mimosa, Pacífico, Princesa, Pomposo, Sultana, etc. Alguns dêsses prenomes poderão, entanto, advir de nomes de santos.

São encontradas adaptações ao masculino de prenomes originàriamente femininos: Brígido, Catarino, Filomeno; bem assim, nomes geográficos ou derivados de designações tópicas, alguns surgidos mais recentemente, já em pleno século XX: Afra, Afro, Amazonas, Amazônia, Amazonino, Austrália, Behring, Brasília, Brasilino, Dniester, Elba, Filadélfia, Florença, França, Grécia, Hudson, Ítalo, Iran, Líbia, Minesota, Nancy, Nilo, Núbia, Odessa, Pekin, Pérsia, Sofia, Viena, etc. Colhemos, ainda: Danúbio — moderníssimo, e Arcádio, Sabino, Eleusis, Palmeira — nomes gravados històricamente, ou seus derivados. Digno de nota é Paulo Afonso, escolhido, decerto, por evocação de nossa maior cachoeira. Podem ser anotados nomes literários como Dulcinéia (do D. Quixote, de Cervantes), Heloísa e Abelardo; mitológicos como Agamenon, Aquiles, Aretusa, Astréa, Cibele, Djanira, Diana, Diomedes, Dionísio, Elísio, Eurídice, Heitor, Helena, Hélio, Hermes, Ícaro, Ismênia, Laeste, Leandro, Leda, Orestes, Sísifo, Têmis, Ulisses; formas espanholas como Carmem e Dolores, de títulos aplicados à Virgem Maria.

No período colonial os nomes de família ou sobrenomes mais conhecidos são os seguintes: Abreu, Aguiar, Albuquerque, Almeida, Alves, Andrade, Aranha, Araújo, Arnaud ou Arnaut, Ataíde, Azevedo, Barbalho, Barbosa, Bezerra, Bittencourt (também gravado Bitencur), Borba, Borges, Botelho, Braga, Brandão, Branquinho, Brito, Bulhões, Cabral, Cabreira, Calado, Caldas, Caldeira, Castro, Chaves, Coelho, Correia, Covas, Couceiro, Cruz, Cunha, Dantas, Delgado, Dias, Diniz, Falcão, Farias, Feitosa, Fernandes, Ferrão, Ferraz, Ferreira, Fialho, Figueiredo, Fiúza, Fonseca, Braga, Franco, Freire, Freitas, Fróes, Gadelha, Galvão, Garcia, Góes, Gomes, Gonçalo, Gouveia, Gracisman, Grangeiro, Guerra, Guimarães, Gulart, Holanda (12), Lago, Landim,

(12) O nome Holanda faz evocar o fidalgo Arnaud de Holanda, que passou a Portugal e cuja descendência se espalhou pelo Brasil Setentrional. Ocupando-se da família Rocha, de Aracatiaçu, Mons. Vicente Martins refere que Mariano Cavalcante Rocha se casou a primeira vez com Tereza de Holanda Cavalcante, filha de Arnaud de Holanda Cavalcante, em 1840, por onde se

Leal, Leitão, Leite, Lelou, Lemos, Lessa, Lima, Linhares, Lira, Lisboa, Lobato, Lôbo, Lopes, Loureiro, Macedo, Machado, Maciel, Magalhães, Maia, Mariz, Matos, Medeiros, Meira, Melo, Mendes, Mendonça, Meneses, Mesquita, Miranda, Monte, Morais, Mota, Moura, Nascimento, Nogueira, Nunes, Olival, Oliveira, Paes, Paiva, Palhano, Parente, Passos, Pedrosa, Peixoto, Penedo, Peniche, Pera, Pereira, Pimentel, Pinto, Pita, Pôrto, Portugal, Quaresma, Queiroz, Quental, Rabelo, Ramalho, Rezende, Ribeiro, Rocha, Rodrigues, Rolim, Rosa, Sá, Sampaio (S. Paio), Sanches, Santiago (Santo Iago), Santos, Silva, Silveira, Siqueira, Soares, Sousa, Souto, Spinosa, Tavares, Taveira, Távora, Teixeira, Tôrres, Travassos, Uchoa, Valcasser, Vasconcelos, Veloso, Veras, Vidal, Vieira, Xerez, Ximenes. Albano, Domingues, Louzada, Regadas são registrados desde a primeira metade do século XIX e são legìtimamente de origem portuguêsa (município de Acaraú).

Entre êsses sobrenomes alguns são — como se verifica — de origem patronímica: Rodrigues (filho de Rodrigo); Sanches (filho de Sancho); Lopes (filho de Lopo); Fernandes (filho de Fernando); Mendes (filho de Mendo); Soares (filho de Soeiro), etc. Também não se ignora que os apelidos ou cognomes por derivação imprópria podem ser oriundos: de um ofício (Monteiro, Grangeiro), de um animal (Coelho, Aranha, Bezerra, Leão, Carneiro), de um vegetal (Carvalho, Nogueira, Oliveira, Pêra, Pereira); de localidade (Lisboa, Portugal, Holanda), etc.

Certamente não se ajusta à índole dêste trabalho um estudo minucioso, quer lingüístico, quer de ordem social psicológica, sôbre

---

vê que o antropônimo se reproduz no Ceará. O fidalgo Arnauldt ou Arnaud, era filho do Barão de Roneburgo e da princesa Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI. Acha, porém, Gustavo Barroso, com o que concordamos, que nem todos os portadores dêsse sobrenome serão descendentes do aludido nobre, mas que, provàveimente, a maioria dos Holandas, do Ceará, deve ser de origem holandesa. Para evitar a pronúncia dos arrevesados nomes batavos o povo os substituía por um sobrenome genérico: "de Holanda". (V. Gustavo Barroso — "Através dos Folclores" — págs. 154 e 155 — Carlos Xavier Pais Barreto — "Sangue Estrangeiro e Indígena no Povoamento Nordestino" — In "Revista das Academias de Letras", nº 63 — 1º sem. de 1945 — Rio — págs. 77 e 78. Neste trabalho, encontramos a origem do sobrenome holandês Vanderlei, o qual não se tornou cearense, cabendo-nos apenas registrar o vocábulo nessa região, como prenome. Outro sobrenome digno de nota é Xerez, que se encontra em mais de um ponto no Ceará. É de procedência diversa; vem de D. João Xerez, fidalgo de origem espanhola.

aludidos nomes de família, em que estudiosos como Kleinpaul chegam a enxergar, em certos casos, vestígios de concepções totêmicas. (13)

Num exame procedido ao rol de sobrenomes que acabamos de mencionar, verifica-se que a maioria dêles é de origem portuguêsa; um que outro, de espanhola ou francesa.

São os mesmos nomes de família ou sobrenomes que encontramos ordinàriamente, na época atual, excetuando-se alguns que, entre nós, desapareceram da circulação. Certos dentre êstes, porém, são usados em Portugal; outros figuram na onomástica de Estados vizinhos, ou mesmo distantes do Ceará. Alguns dos sobrenomes citados ficaram na toponímia regional, a exemplo de Palhano, Barbalho, Figueiredo, Feitosa, Gracisman e outros.

Sem dúvida, como em relação aos prenomes, grande número dêsses apelidos era de europeus vivendo em terras da América, colonizadores, sesmeiros, etc., que se foram mesclando com os habitantes primitivos da região.

Um sobrenome a reter é êste — Spinosa, o mesmo do grande filósofo judeu-holandês, o qual ainda hoje se nos depara em Fortaleza.

Nas primeiras décadas do século XIX, com os movimentos nativistas de revolta contra a metrópole portuguêsa, começaram a surgir os prenomes e cognomes indígenas — ímpeto americanista, que se acentuou nas proximidades da Independência.

Expressou-se João Brígido a propósito: "Foi por êsse tempo que o padre Gonçalo, à imitação de outros, substituiu o seu cognome — Melo — pelo de Mororó, planta cearense. Vêm dessa época os apelidos de Araripe, Ibiapina, Araré, Sucupira, Buriti, Anta, Suçuarana e tantos outros que se perpetuaram na Província e traduzem adesões à Independência". (14)

Além dos referidos pelo historiador cearense, há diversos sobrenomes de procedência indígena compondo as assinaturas que se seguem à de Tristão de Alencar Araripe, na ata da sessão extraordinária do Grande Conselho Provincial da Confederação do Equador, datada de 27 de agôsto de 1824. Exemplificamos com os seguintes: Capibaribe (José Francisco Liberal), Porangaba (Vitoriano Correia da Silva), Maracanã (Caetano Pereira), Gitirana (Joaquim Ferreira Lima).

Mulheres houve que, possuindo tendências liberais, adotaram

---

(13) V. **Albert Dauzat** — "Les noms de Personnes" — Delagrave — Paris, 1950 — págs. 6 a 13. — **Paul Lebel** — "Les Noms de Personnes" — Paris, 1949 — págs. 124 e segs. — V., ainda, **Mansur Guérios** — Op. cit., — pág. XVI — Introdução.

(14) **João Brígido** — "Miscelânea Histórica" — Ceará, 1899 — pág. 11.

também, por essa época, cognomes da mesma índole. Em carta dirigida à redação do "Diário do Govêrno do Ceará", aparecem assinaturas de algumas icoenses, a saber: Josefa Clara da Conceição "Patori", Maria Joaquina de Jesus "Jassanã", etc.

Aliás, na escolha dêsses cognomes, apensos naqueles dias de exaltação patriótica aos verdadeiros nomes, não parece ser indispensável a origem indígena aos mesmos, se não um caráter nativista, brasileirista, localista. Assim é que vão adotados êstes nomes da flora e da fauna nacionais, dos quais alguns não são derivados das línguas indígenas: Alecrim, Gameleira, Jacaré, Muçambê, Pau-Brasil, Palmito, Samambaia, Tamanduá, Rapôsa.

Indivíduos há que não se contentam com um só apelido dêste jaez e usam dois combinados, como no caso do Tenente-Coronel Comandante de Caçadores Antônio Francisco Murici Surucucu. Provàvelmente houve os que desistiram, depois de algum tempo, do uso dos cognomes adotados por essa ocasião de fervor nacionalista. Outros, no entanto, conservaram-nos definitivamente, reproduzindo-se os mesmos de geração a geração.

Passamos a mencionar alguns apelidos da família de étimo indígena, surgidos no seculo passado, os quais entram na composição de nomes próprios citados pelo Barão de Studart no seu "Dicionário Biobibliográfico": "Canguçu (João Nepomuceno); Carnaúba (Francisco de Paula Coelho); Jacarecanga (Camilo José Moreira); Jamacaru (Manoel Rufino de Oliveira); Jaguaribe (Domingos Nogueira); Macaíba (Hermelino Sobral); Piragibe (Antônio Carlos da Silva); Potiguar (Tertuliano), etc."

Duas interessantes combinações de nomes indígenas, formando sobrenomes, aparecem na obra aludida: Baraúna Mossoró e Araripe Sucupira.

Nomes de expressão americanista são incorporados à antroponímia, ocorrência esta que não escapou ao sempre citado Leite de Vasconcelos, de referência ao nosso país. Atahualpa, Bolivar, Colombo ou Cristóvão Colombo, Juarez, Montezuma servem de exemplo, entre os cearenses, no século passado.

Seguem-se alguns sobrenomes de estrangeiros que emigraram ou vieram residir ao Ceará, na primeira metade do século XIX, e ainda hoje circulam. Em geral, eram os de comerciantes ou homens de profissão liberal. Franceses: Cals, Fontenelle, Seraine; inglêses; Ellery, Studart; alemães: Dodt, Ehrich, Olsen, Kruger; polonês — Hitzchky; italianos: Giffoni, Landi, Pongitori (Acaraú); norte-americanos: Sanford, Collyer (respectivamente em Sobral e Camocim); espanhóis: Luero, Rodrigues, Gonçalves (Acaraú). O sobrenome Seifert, de um arquiteto natural da Boêmia, que viveu no Ceará, não aparece mais,

havendo, contudo, circulado nos nomes de descendentes cearenses do citado europeu. (15)

As alcunhas ou apodos sempre foram comuns entre os cearenses. Já se atribui mesmo a fama de contumazes criadores de epítetos nominais em tom burlesco aos habitantes da região, sendo que êstes próprios reconhecem na cidade de Aracati a sede cearense do "reinado do apelido".

Durante a monarquia foram mestres cearenses na antonomásia jocosa o doutor Pedro Pereira Guimarães, João Brígido e o padre Verdeixa, três desabusados jornalistas.

Recolhemos das páginas da história estadual alguns apelidos que ficaram célebres: Tubarão (José Mendes Machado — 1º ouvidor, em 1.723); Comissário (Lourenço Alves Feitosa), sesmeiro, cujas lutas com Geraldo Monte (Montes e Feitosas) fizeram derramar muito sangue, no Ceará, aí pelas primeiras décadas de século XVIII; Caga-é (Joaquim Fernandes Moura, sargento-mor de ordenanças, advogado — 1.823); Cara Preta (Capitão João Pereira da Silva, a quem o presidente Alencar, em 1.834, incumbiu de capturar João André Teixeira, sargento-mor); Chico-da-mamãe (Francisco Ferreira Lima, proprietário, citado por João Brígido, nas primeiras décadas do século XIX); Pataca (Francisco José de Santana, divulgado em 1.839 e 1.840); Beira-d'água (Antônio Gonçalves Carneiro); Poeira (José Francisco da Cunha, referido em 1.824); Papagaio (Francisco Ferreira Lavor); Pedro Pipa (Pedro José da Costa Barros, 1º presidente da província); Quati (tenente de artilharia José Mariano de Albuquerque), afora outros, entre pessoas de mais baixo nível social, como êste — José Moleque — em que se associam um vocábulo português e outro, considerado africano, e que foi aplicado a José Ferreira de Azevedo, prêso em 1.824 e condenado à morte.

---

(15) **Barão de Studart — "Estrangeiros e Ceará" — In Rev. Trim. do Instituto do Ceará" — Tomo XXXII — Ano XXXII — 1918. — Tomaz Pompeu S. Brasil — "Ensaio Estatístico da Província do Ceará" — vol. I — pág. 154 — Nicodemus Araújo — "Município de Acaraú" — Acaraú, 1940.**